

OS EXPLÍCITOS E IMPLÍCITOS NOS "DITOS OPINATIVOS" DO PRESIDENTE LULA

Ana Cristina CARMELINO
(Universidade de Franca)
acarmelino@uol.com.br

RESUMO: Com base no diálogo entre conceitos abordados especialmente por Bazerman, Bronckart e Koch, este artigo objetiva não só estudar o gênero textual chamado de "dito opinativo" (espécie de recorte que explora a opinião de pessoas conhecidas socialmente), mas também refletir sobre alguns critérios – a saber, a definição da situação de linguagem, o conteúdo temático, o contexto de produção, a composição e, especialmente, o balanceamento de informação implícita e/ou explícita – que podem contribuir para a caracterização e análise de diferentes práticas sociocomunicativas.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; ditos opinativos; implícito; explícito.

ABSTRACT: Based on the dialogue study among concepts addressed specially by Bazerman, Bronckart and Koch, this article aims not only to study the textual genre called "opivative saying" (a kind of framework that explores the views of socially recognized people), but also reflect on some criteria – namely, the definition of the language situation, the thematic content, the production context, the composition and, especially, the balancing of implicit and/or explicit information – that can contribute to the characterization and analysis of different sociocommunicative practices.

KEYWORDS: gender; opinative sayings; implicit information; explicit information.

0. Introdução

A compreensão do que é gênero passou a ser fundamental nos estudos da linguagem, a partir do momento em que se verificou que é impossível alguém comunicar-se verbalmente a não ser por um gênero. Tal constatação gerou não somente uma diversidade de campos do saber voltados à questão, mas também uma variedade de abordagens, tipologias e metodologias de análise que buscam a melhor maneira de explicar o uso da linguagem em termos de contextos e práticas sociais específicos (cf. Carmelino, 2006).

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é refletir sobre alguns critérios que podem ajudar na compreensão e caracterização dos

diferentes gêneros textuais, isto é, das práticas sociocomunicativas. Para tanto, partimos da hipótese de que a análise dos gêneros pode ser mais precisa quando se leva em conta o diálogo entre algumas propostas, a saber, conceitos e critérios abordados especialmente por Bronckart (1999, 2006), Bazerman (2005) e Koch (2003, 2005).

Ao entender os gêneros do ponto de vista das macro-estruturas textuais, consideramos de fundamental importância, para sua descrição, a definição da situação de linguagem, o contexto de produção, o conteúdo temático e a organização interna dos textos, privilegiando-se, dessa maneira, a constituição dos tipos discursivos, a organização seqüencial do conteúdo temático e a seleção de mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos.

Além disso, observamos que a quantidade de informação implícita e explicitada nessas práticas sociais também se constitui em um dado relevante para sua apreensão. Logo, todos esses critérios nortearão nosso percurso de análise.

A fim de ilustrar nossas reflexões, buscamos caracterizar o gênero textual que chamamos de "dito opinativo", partindo exclusivamente dos ditos proferidos pelo presidente Lula – antes e depois do primeiro turno da eleição presidencial de 2006 – os quais foram publicados pela revista *Veja* no dia 11/10/2006 (edição 1977, ano 39, 40).

1. Pressupostos teóricos

Os estudos sobre gênero, que tiveram origem na Antigüidade, multiplicaram-se logo após os PCNs (BRASIL, 1998; 23)¹ proporem que a noção de gênero, constitutiva do texto, precisava "ser tomada como objeto de ensino". Esse fato deu origem a uma série de abordagens teóricas – promovendo um diálogo entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos – as quais passaram, então, a identificar e classificar as mais variadas práticas sociais.

Os vários pontos de vista acerca do assunto revelam a complexidade da noção dos gêneros, a qual pode ser observada a partir de uma terminologia diversa, uma vez que alguns estudiosos falam de "gêneros de texto", outros de "gêneros do discurso", levando em conta, para isso, questões mais voltadas ao texto ou às condições de produção do gênero.

Dentre essas abordagens, hoje, são consideradas carentes (ou insuficientes) as que priorizam os aspectos formais, visto que os

¹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) constituem documentos que buscam contribuir para a implementação das reformas educacionais definidas pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) e regulamentadas por Diretrizes do Conselho Nacional de Educação.

gêneros são entidades dinâmicas, e, portanto, variáveis e flexíveis. Daí a definição de Bazerman (2005) como categoria sócio-histórica sempre em mudança.

A esse respeito, convém salientar as considerações de Bakhtin (2003), um dos precursores da noção que, ao definir o gênero do discurso como um enunciado relativamente estável, de natureza histórica e sociointeracional, revela-nos que, embora reconheça os aspectos formais na caracterização dos gêneros, eles não devem se sobrepor aos aspectos históricos e sociais, posto que os gêneros relacionam-se com as diferentes situações sociais.

Desse modo, salientamos que a dinamicidade dos gêneros, bem como a sua facilidade de adaptação na materialidade lingüística, revelam que, mais do que a estrutura, o que importa é a funcionalidade do gênero e seu envolvimento com as atividades culturais e sociais.

Dos vários modelos de análise de gêneros, verificamos que não há um único estável e definitivo; por isso, optamos por pressupostos que integram diferentes propostas, a saber: critérios e conceitos abordados especialmente por Bronckart (1999, 2006), Bazerman (op. cit.) e Koch (2003, 2005), autores que, como nós, adotam a terminologia gêneros textuais.

Acreditamos no diálogo entre tais abordagens, uma vez que todas se atêm ao caráter social da linguagem e contemplam a noção de gênero como ação social, ou seja, insistem no caráter social dos fatos da linguagem, considerando o texto como o lugar da interação.

Nenhum dos autores vê os gêneros apenas como um conjunto de traços textuais, ignorando os papéis dos indivíduos no uso e na construção de sentidos; nem os consideram formas típicas prontas e imutáveis, visto que reconhecem que muitos gêneros nada mais são do que extensões de outros pré-existentes.

Ao compreender que os gêneros estão ligados ao funcionamento da língua e às atividades culturais e sociais, consideramos de fundamental importância, para sua descrição, o **conteúdo temático**, o **contexto de produção**, a **composição** e o **balanceamento de informação implícita e/ou explícita**. Todos esses elementos serão abordados, resumidamente, a seguir.

O **conteúdo temático**, de acordo com Bronckart (1999), nada mais é do que o referente (assunto tratado), ou seja, diz respeito ao conjunto de informações que são explicitamente apresentadas em um texto, à finalidade discursiva.

O **contexto de produção** refere-se à situação de ação de linguagem, que, conforme Bronckart (2006), pode ser "externa" (relativa ao mundo formal, passível de ser descrita pela comunidade) e "interna" (representações que nascem do/no agente, sobre o mundo).

Desse modo, o autor destaca dois tipos de contexto de produção: i) o físico, que se refere a parâmetros objetivos, compreendendo a identificação do emissor, de eventuais receptores e do espaço/tempo da produção; e o ii) o sociosubjetivo, que diz respeito ao tipo de interação em jogo, considerando-se o papel social do emissor (estatuto enunciador) e do receptor (estatuto de destinatário), o lugar social e os objetivo(s) da interação.

Salientamos que o contexto de produção compreende também as representações referentes à situação e os conhecimentos disponíveis no agente, concernentes à temática que é expressa no texto (macroestruturas semânticas elaboradas sobre um determinado domínio de referência e disponíveis na memória).

Quanto à **composição**, podemos dizer, a partir de uma compilação de dados, que os textos organizam-se em algumas camadas superpostas e interativas, a saber:

- a) infra-estrutura geral do texto: composta por plano geral (organização do conteúdo temático), tipos de discurso (são os diferentes segmentos – teórico, narração, interativo e relato interativo – que o texto comporta e que traduzem a criação de mundos discursivos) e tipo de seqüência (são os modos de planificação de linguagem, denominadas de seqüência narrativa, explicativa, argumentativa, dialogal, descritiva e injuntiva);
- b) mecanismos de textualização: conexão (contribui para marcar as articulações da progressão temática), coesão nominal (introduz temas e/ou personagens novos, assegurando sua retomada ou sua continuidade na seqüência do texto) e coesão verbal (assegura a organização temporal e/ou hierárquica dos processos – estados, acontecimentos ou ações – verbalizados no texto);
- c) mecanismos enunciativos: posicionamentos enunciativos e vozes (são as sugestões instâncias que assumem o que é enunciado no texto e as vozes que ali se expressam, como voz do autor principal, vozes sociais, vozes das personagens) e modalizações (que servem para explicitar as avaliações, as opiniões, os julgamentos e os sentimentos do emissor sobre aspectos do conteúdo temático).

O **balanceamento de informação implícita e/ou explícita** consiste em uma estratégia textual que, segundo nossas reflexões, pode auxiliar os estudos dos gêneros, pois entendemos que a compreensão de um gênero não se restringe à análise do conteúdo temático, do contexto de produção e dos elementos composicionais.

Ao considerar-se que não existem textos totalmente explícitos, já que não só pressupomos partilhar conhecimentos como também procuramos evitar o uso de informações redundantes, Koch (2005)

observa que, na interação, há coordenação dos princípios de economia e de explicitude: o agente verbaliza as unidades referenciais e as representações necessárias à compreensão e o ouvinte/leitor ativa todos os componentes e estratégias cognitivas que têm à disposição para dar ao texto uma interpretação dotada de sentido.

Nesse cenário, os enunciados/textos nada mais são do que atividades sociocomunicativas, que compreendem, da parte do agente, um "projeto de dizer" e, da parte do receptor (leitor/ouvinte), uma participação ativa na construção do sentido. A organização dos enunciados/textos, portanto, é sempre estratégica, uma vez que decorre das escolhas feitas pelo agente a fim de mobilizar determinada(s) leitura(s).

Além do conjunto de suposições baseadas nos saberes dos interlocutores para a leitura de um enunciado/texto (conhecimento arquivados na memória) e do contexto, Nystrand e Wiemelt (1991) verificam que há, no co-texto (em se tratando do texto escrito), pistas importantes capazes de nos ajudar a captar o sentido pretendido que não se apresenta explicitado.

Dentre elas, citamos *os destaques*, que aparecem das mais diversas formas, como: *aspas* (que podem indicar ironia, ceticismo, distanciamento crítico), *itálico*, *negrito*, *travessões*, *parênteses*, *recursos gráficos* (como a diagramação, localização do texto na página e no suporte/veículo, tipo de letra, caixa alta), *seleção lexical*, *de língua*, *registro* e *formas de tratamento*.

2. Ditos opinativos: caracterização e análise

A primeira pergunta que gostaríamos de responder ao leitor, imaginando que ele já deve tê-la feito algumas vezes, é o que vem a ser dito opinativo.

O "dito opinativo" é um gênero que parte da oralidade. É uma espécie de desmembramento ou recorte de um gênero maior. Como os gêneros nunca surgem em um grau zero, visto que se constituem a partir de outros pré-existentes, os tais recortes ganharam configuração típica de apresentação em "boxes" (forma herdada do gênero notícia).

Entretanto, propiciam uma característica discursiva bastante peculiar em nosso tempo, suficientemente conhecida para que possa ser incluída no domínio discursivo² jornalístico. Notamos ainda que esses recortes podem ou não vir desse mesmo tipo de domínio. Os exemplos

² O domínio discursivo, segundo Marcuschi (2003: 23), é "uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana".

em análise vêm do domínio jornalístico, especificamente do gênero entrevista, e do domínio discursivo político, principalmente do comício.

Todos os ditos, supomos, exploram a opinião de pessoas conhecidas socialmente. Como o gênero – retomando Bazerman (2005) – é uma categoria sócio-histórica sempre em mudança, o aparecimento dos boxes opinativos é muito real em nossas revistas e, por isso, passível de classificação, pois já são fenômenos de reconhecimento psicossocial, tipologicamente classificados no grupo das manifestações "argumentativas".

Desse modo, os boxes representam uma constituição inovadora e dinâmica de transmissão jornalística sobre um determinado assunto, visto que destroem as características básicas da notícia tradicional (manchete, *lead*, isto é, textos perfeitamente estruturados), mas conservam, mesmo que implicitamente, as perguntas: quem? quando? onde? como? por quê? que, secularmente, sustentam o gênero notícia.

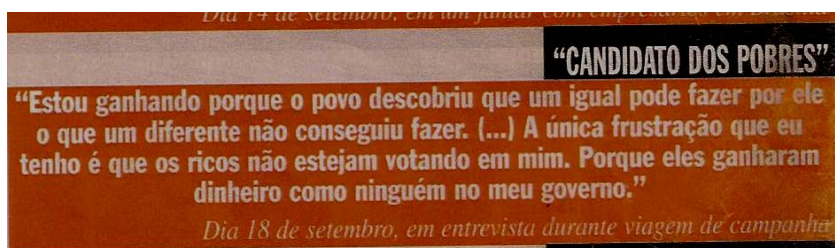
Assim, estamos, de certa forma, analisando o discurso jornalístico (ou político, em nosso caso), o gênero notícia e seus desmembramentos contemporâneos, que resultam na forma sintética de recortes de reportagens, entrevistas, conversas informais, comícios e atos de campanha transformados em notícias também sintéticas, contidas em boxes.

Tais ditos, isoladamente, causariam confusão, mas, colocados em uma revista, em um espaço sociodiscursivo conhecido, assumem a categoria de gênero pelas suas peculiaridades históricas: trazem opiniões e posições de pessoas socialmente conhecidas sobre um determinado assunto. Essas opiniões são manipuladas por um jornalista, que as recorta à sua maneira.

Não se diz mais "fulano disse", mas se explica em uma espécie de rodapé (um tipo de registro do contexto recuperado pelo jornalista) quando e onde alguém disse o que disse. Nesse gênero, o recorte e o rodapé constituem seus elementos composicionais básicos, como verificamos em:

Exemplo 1: antes do primeiro turno³

³ Convém ressaltar que, no primeiro exemplo citado, optamos por apresentar um recorte, na íntegra, do gênero analisado, para que o leitor tenha noção de como ele é constituído de fato; nos demais exemplos, por uma questão de espaço, apenas apresentamos a reprodução do dito que está sendo analisado.



"CANDIDATO DOS POBRES"

"Estou ganhando porque o povo descobriu que um igual pode fazer por ele o que um diferente não conseguiu fazer. (...) A única frustração que eu tenho é que os ricos não estejam votando em mim. Porque eles ganharam dinheiro como ninguém no meu governo"

Dia 18 de setembro em entrevista durante viagem de campanha

Nomear os ditos opinativos como gênero implica caracterizá-los, definindo não só a situação de ação de linguagem, isto é, o contexto de produção, mas considerando o conteúdo temático, a composição e o balanceamento das informações implícitas e explícitas.

Em princípio poderíamos pensar como Goffman (1998), que os ditos opinativos surgem quando um locutor⁴ emite algum comentário ou opinião através de um enunciado/texto sobre um determinado tópico (referente) dentro de um contexto. O interlocutor desse enunciado também é ouvido/lido pelo editor/jornalista, o qual não se manifesta explicitamente.

No entanto, a questão não é tão simples assim, visto que estamos diante de um gênero que se caracteriza pelo intertexto em várias de suas modalidades, o que torna a análise mais complexa do que parece.

Em termos de contexto de produção, retomando as considerações de Bronckart (1999), os ditos podem ser vistos sob dois aspectos: físico e sociosubjetivo

Com relação ao contexto físico, há dois locutores distintos e, portanto, duas situações: um jornalista irônico (locutor 1) reproduz a fala de Luiz Inácio Lula da Silva (locutor 2). De um lado, há o jornalista, não ratificado, que toma como interlocutor o leitor da *Veja* editada em 11 de outubro de 2006 (aí está o espaço e momento de produção).

De outro lado, temos Lula, que toma como interlocutor os brasileiros que estiveram presentes em entrevistas coletivas, comícios,

⁴ Como os autores que fundamentam nossas análises usam terminologias distintas para se referir ao produtor da fala e do gênero (emissor, agente, locutor, enunciador) e a quem esse produtor se dirige (receptor, interlocutor, destinatário), optamos por adotar locutor/interlocutor e enunciador/destinatário, para localizar nosso leitor quanto ao contexto físico e sociosubjetivo.

atos de campanha e jantar – eventos sociais e políticos realizados em lugares diversos (interior de São Paulo, São Bernardo do Campo, Porto Alegre e Brasília) no período de campanha eleitoral. Ou seja, nos meses de setembro (nos dias 14, 18, 19, 25, 29 e 30) e outubro (no dia 2) de 2006, mais precisamente antes e depois do primeiro turno.

O quadro físico pode ser visto a partir da textualização das 'falas' do locutor (2) e do rodapé (registro do contexto recuperado pelo jornalista, locutor 1).

Este, responsável por fazer o leitor entrar em contato com a 'fala' retextualizada, geralmente é objetivo e informativo, uma vez que traz dados sobre o momento e o lugar de produção das 'falas' de Lula (cf. exemplo 1, em que temos "*Dia 18 de setembro em entrevista durante viagem de campanha*") ou explicações sobre o tópico da 'falas' de Lula. Isso pode ser verificado em "*Assumindo que seu próprio partido estava por trás do escândalo, na entrevista coletiva do dia 2 de outubro*", no exemplo (2) que segue abaixo:

Exemplo 2: depois do primeiro turno

DOSSIÊGATE

"Eu quero saber quem arquitetou essa obra de engenharia para atirar no próprio pé."

Assumindo que seu próprio partido estava por trás do escândalo, na entrevista coletiva do dia 2 de outubro

Em se tratando do contexto sociosubjetivo, que leva em conta tanto os objetivos concretos da interação verbal quanto o lugar social de produção e a posição social do enunciador e do destinatário, verificamos que a polifonia natural do gênero permite observar, como no contexto físico, a existência de duas situações, dois enunciadores: um jornalista-eleitor (enunciador 1) mostra, tendenciosamente, sua representação de mundo, pela reprodução da fala do candidato a presidente da república (enunciador 2).

O enunciador (1) – construto teórico, instância formal que gerencia as vozes no texto – é o jornalista-eleitor, responsável pela disseminação da fala do presidente, que escolhe os fragmentos para publicar.

Eivado de ideologia, com sua representação de mundo, com sua ironia e com sua crítica aguçada (e até perversa), busca atingir um leitor virtual sobremaneira conhecido, o leitor da *Veja*, um indivíduo de classe média (talvez até média alta), mostrando que o caradurismo de Lula atinge as raias do absurdo. Esse enunciador, com status de autor,

sabe que, ao recortar a fala de Lula, descontextualizando-a, o que bem quer é provocar risos.

O enunciador (2) nada mais é do que um candidato-presidente com voz, mas sem direito a ela. Isso porque suas "falas" foram ceifadas e manipuladas do contexto em que foram produzidas pelo enunciador (1); além de produzidas na mídia (campanhas, comícios, entrevistas) e proferidas a jornalistas, eleitores, empresários, partidários do PT e concorrentes eleitorais. Essas falas visam a revelar seu ponto de vista sobre aspectos fundamentais à sociedade, como democracia, corrupção e imprensa e também a conquistar votos e vencer as eleições de 2006

Verificamos, portanto, que o contexto sociosubjetivo implica a presença de enunciadores com maior ou menor poder de ação no contexto de produção e no momento de ação da linguagem. Como é o recorte que caracteriza o gênero, por meio do empréstimo do intertexto, até o próprio conteúdo temático pode ser subvertido em função dos propósitos do enunciador-jornalista.

Desse modo, Lula, na verdade, é dito pela voz do outro, em um contexto outro que, assim, pode subverter o sentido primeiro, o destinatário primeiro, o objetivo primeiro. O Lugar social explorado pelo gênero em análise é, a nosso ver, sempre ligado ao lugar social do leitor de *Veja*: a classe média brasileira, seja qual for a especificidade que se dê a ela.

Desse modo, quanto aos conteúdos mobilizados na produção dos ditos opinativos em análise, observa-se que o jornalista da revista *Veja* – sustentado pelos valores que vigoram na esfera jornalística, a saber, convencer o leitor de alguma coisa a partir da mobilização de sentimentos – empenha-se em selecionar conteúdos-chave dos discursos do candidato-presidente para atingir seus objetivos: provocar, no leitor-eleitor, riso, raiva, menosprezo, enfim, as paixões humanas, sentimentos capazes não só de levar esse leitor-eleitor a certificar-se das contraditórias opiniões do então candidato antes e depois do primeiro turno, mas também a ter elementos para ridicularizar Lula.

Conforme assinalamos, o gênero significa muito pelo seu propósito comunicativo, isto é, pelos objetivos do falante e pela natureza temática tratada. No caso dos ditos opinativos em análise, verifica-se que eles veiculam temas de caráter subjetivo e social.

Isso porque, ao mesmo tempo em que trazem as representações pessoais do agente enunciador jornalista (compromissado com os recortes de situações hilárias e "falas" extravagantes do presidente, o jornalista quer, argumentativamente, explorar o ridículo) e opiniões pessoais de Lula (candidato-presidente que, assumindo-se ora como superior ora como humilde, tem um único propósito, não importa o que fala e como fala: atingir o ouvinte-eleitor e conquistar votos), abordam

explicitamente assuntos políticos, como reeleição, democracia, corrupção e imprensa, discutidos na mídia no período das eleições de 2006.

Esses assuntos apresentam-se sob a forma dos seguintes tópicos: *segundo turno, as fotos do dinheiro, imprensa, Collor, congresso, "candidato dos pobres", debate e dossiêgate*.

Ainda a respeito do conteúdo temático, convém lembrar que o conjunto de informações que o compõe nada mais é do que o conhecimento estocado e organizado na memória do leitor/ouvinte.

Antes de passarmos à análise da organização das informações ou ao aspecto composicional do gênero, convém dizer que o aspecto temporal do conteúdo dos ditos opinativos é situado⁵. Isso porque todos os recortes estão relacionados a situações comunicativas atuais (fatos políticos, questões sociais, escândalos), e sua compreensão depende de o jornalista explicitar, no rodapé, a situação em questão, a qual vem sempre datada. Dessa forma, verificamos que para a construção do sentido dos ditos opinativos, é necessário que o leitor esteja acompanhando os acontecimentos da ordem do dia.

Tratemos agora de algumas das características lingüístico-discursivas mais importantes observadas nos ditos opinativos em estudo.

Ao traçar um perfil da estrutura composicional dos ditos opinativos, nota-se que eles apresentam uma organização padrão, que se resume em: tópico + recorte da 'fala' do locutor + rodapé do editor. Todos esses dados são acondicionados em "boxes", como se vê nos exemplos citados acima.

Conforme se observa, o tópico é grafado em caixa alta e negrito, o recorte da 'fala' do locutor (2) vem destacado em negrito e entre aspas (como esse recorte é textualizado, as aspas indicam a representação da fala literal de Lula) e o rodapé do jornalista aparece marcado em itálico e alinhado à esquerda no "box".

Essas marcas constituem pistas importantes para ajudar a captar o sentido pretendido que não se apresenta explicitado, bem como corroboram a natureza polifônica dos ditos opinativos, que são construídos a partir de eventos comunicativos mais amplos.

Ao considerar a infra-estrutura dos ditos opinativos, observamos que o tipo de discurso produzido nesse gênero é misto, ou seja, há presença de unidades lingüísticas que remetem tanto ao tipo interativo quanto ao teórico e à narração.

⁵ De acordo com Pedrosa (2003), o conteúdo dos gêneros pode apresentar um aspecto temporal situado ou eterno: é situado, quando se trata de uma situação atual e datada; e eterno, quando o conteúdo tem efeito independentemente de época.

Nos recortes correspondentes às falas de Lula (locutor-enunciador 2), ao mesmo tempo em que se observa a presença de unidades que reportam à própria interação verbal – caso dos verbos no presente e das formas verbais e pronomes referentes à primeira pessoa do singular ou do plural ("**nós vamos ganhar** essas eleições domingo"; "**eu quero saber quem arquitetou essa obra**") e dos dêiticos temporais ("**Hoje** estou convencido de que minha decisão [de não ir ao debate] foi certa") – há formas lingüísticas que revelam um distanciamento da situação de produção.

Esse é o caso do uso do presente atemporal ("**O congresso é a caixa da ressonância da consciência política da sociedade no dia da votação**"), da presença de frases declarativas ("**Todo mundo se queixa da imprensa**"; "**Muita coisa vai melhorar**") e de organizadores lógico-argumentativos ("**É importante lembrar que...**"), dados esses que caracterizam, portanto, o discurso teórico.

No caso do rodapé, de responsabilidade explícita do jornalista, o que prevalece é o tipo de discurso narração, visto que há presença de organizadores espaço-temporais e verbos no pretérito imperfeito ("**Assumindo que seu próprio partido estava por trás do escândalo, na entrevista coletiva do dia 2 de outubro**").

Em se tratando da planificação local, observa-se que é mais comum nesse tipo de gênero a ocorrência de seqüência dialogal e argumentativa. Dialogal porque os recortes são segmentos estruturados em turnos de fala e assumidos pelo agente-produtor envolvido em uma interação verbal.

No caso em análise, ainda que só tenham sido explicitadas pelo jornalista as respostas do candidato-presidente, as perguntas ficam claramente subentendidas, configurando, desse modo, o diálogo. Nota-se também que cada dito corresponde a uma troca binária na fase transacional (pois os elementos não revelam abertura nem encerramento de diálogo). Na verdade, são respostas que se apresentam sob a forma de justificativa e declarações, como se vê em:

Exemplo 3: antes do primeiro turno

SEGUNDO TURNO

"Não venci porque não venci. Não tinha eleição ganha. O fato concreto é que faltou voto para a gente ganhar no primeiro turno."

Em entrevista coletiva, um dia depois da votação

Como o locutor-enunciador (2), a todo tempo, busca convencer o interlocutor da validade de seu posicionamento, os ditos opinativos

também comportam freqüentemente as seqüências argumentativas. Essas seqüências podem ser observadas nos exemplos mencionados neste texto.

A fim de destacar um caso, citamos o exemplo 1, em que observamos a presença de um Lula personagem e um Lula entidade social. Ligado aos pobres (explícito), conclama o voto dos ricos (ganharam dinheiro como ninguém). Sua representação capitalista de mundo evoca o poder monetário como baluarte para conversão dos ricos.

Nesse dito, observamos que o processo argumentativo se dá não só pela identificação de Lula com os pobres ("Estou ganhando porque o povo descobriu que um **igual** pode fazer por ele o que o **diferente** não conseguiu fazer), mas pelo exemplo (para conseguir adesão dos ricos, justamente pelo que, na representação social imposta pelo discurso dominante, o status social não é determinado pelas competências, mas pela capacidade de acumular riquezas: "Por que eles ganharam dinheiro **como ninguém** no meu governo).

Nesse dito está explícito que os ricos ganharam mais, bem mais, do que os pobres receberam, uma vez que estão incluídos entre os **como ninguém**. Mas, como o presidente espertamente colocou os pobres em primeiro lugar, obscureceu a força semântica contida, na tentativa desesperada de conquistar os ricos, ainda que revelando, escancarando uma verdade que, sem dúvida, não pretendia dizer: fez um governo para os ricos ficarem mais ricos, e os pobres ganharam de presente um opaco e difuso "fazer" que é diferente daquele fazer de um "outro".

Esse gênero é tão complexo que escamoteia a tipologia: ao mostrar ditos curtos, deixa no armário o caráter eminentemente argumentativo, que está sempre no não-dito.

No que diz respeito aos mecanismos de textualização, ou seja, dos elementos que estabelecem a coerência temática, destacamos a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal.

A conexão, responsável pela articulação da progressão temática, é marcada nos recortes mais comumente, entre outros mecanismos, pela conjunção explicativa *porque*, um organizador textual que se explica por serem tais recortes respostas ou justificativas a perguntas feitas em entrevistas ("estou ganhando **porque** o povo descobriu que um pode fazer por ele o que um diferente não conseguiu fazer"; "Não venci **porque** não venci").

A coesão verbal, que assegura a organização temporal ou hierárquica dos processos verbalizados (estados, acontecimentos ou ações), é realizada essencialmente pelos tempos verbais e unidades com valor temporal.

No caso dos recortes examinados (as "falas" de Lula), observamos que o tempo presente – seja o que se refere à situação de produção ("Hoje estou convencido de que minha decisão foi certa"), seja o genérico, portador de um valor gnômico ("A imprensa tem um papel muito importante na conquista da democracia") – e os advérbios temporais constituem os principais mecanismos de coesão verbal nesse gênero.

No caso do rodapé, são os marcadores temporais que organizam os ditos: na coluna da esquerda, o jornalista seleciona as "falas" proferidas pelo candidato-presidente antes do primeiro turno ("Em comício no interior de São Paulo, **oito dias antes do primeiro turno**"); já na coluna da direita, estão as "falas" após o primeiro turno ("Em entrevista coletiva **um dia depois da votação**").

A coesão nominal – cuja função é introduzir temas, assegurando sua retomada ou substituição no desenvolvimento do texto – feita pelo locutor de fato, isto é Lula, pode ser vista pela presença de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos ("A única frustração que eu tenho é que os ricos não estejam votando em **mim**. Porque **eles** ganharam dinheiro como ninguém no **meu** governo"; "Alguém quer vender **isso**: dividir o Brasil entre pobres e ricos. *A sociedade brasileira e a cultura brasileira não aceitam **essa** divisão*").

No entanto, é importante salientar que a série coesiva feita pelo jornalista da revista é a mais importante para a construção do sentido dos ditos. É ele quem garante a compreensão do leitor, visto que aponta ou recupera o referente, seja por meio da introdução do tópico (título) e do rodapé (que contextualiza a fala), seja pela inserção do referente, entre parênteses e em itálico, na própria fala do locutor (2), ou seja, no interior do recorte, conforme se observa em:

Exemplo 4: antes do primeiro turno

AS FOTOS DO DINHEIRO

"Ou ele (*Edmilson Bruno, delegado da Polícia federal que divulgou as fotos do dinheiro do dossiêgate*) fez de má fé ou está mancomunado com alguém."

Dia 30 de setembro, em entrevista a jornalistas em São Bernardo do Campo

Quanto aos mecanismos enunciativos (as vozes e as modalizações) que estabelecem a coerência pragmática, a primeira questão a se considerar é que são duas as vozes que predominam nos ditos opinativos: a do jornalista (locutor 1) e a do candidato-presidente (locutor 2), como já explicitado anteriormente.

Nesse aspecto, nota-se que há uma preocupação em distinguir o que é de responsabilidade enunciativa de um e de outro, por meio de procedimentos como: o uso das aspas para marcar a 'fala' de Lula (a qual se apresenta sobre a forma de discurso direto, mas sem a presença de verbos de dizer) e o uso do itálico e dos parênteses para demarcar o que é do jornalista.

Além das vozes principais, há uma série de vozes sociais implicadas no percurso temático e que são inferidas na leitura do texto. Essas vozes manifestam-se implicitamente, a saber: a voz da própria revista (representada pelo jornalista), a dos partidários do PT (representada muitas vezes na fala de Lula), a da oposição, entre outras.

A partir do que expusemos, o que nos resta para sustentar a coerência pragmática é o posicionamento enunciativo de um autor que se camufla em copiadador de "falas" de outros. Em si, cada "fala" é um recorte. No todo, as falas constituem um documento argumentativo que reflete um *modus vivendi* muito característico, talvez idiossincrático em muitos aspectos, mas, em uma dimensão mais ampla, reflete, pela opinião do outro, a forma como o real autor (recortador) vê a dimensão humana.

Em relação às modalizações ou avaliações sobre aspectos do conteúdo temático, observamos a existência do predomínio de afirmações categóricas para produzir certo efeito de objetividade aparente, um valor de verdade geral.

Desse modo, as modalizações mais freqüentes nas "falas" de Lula são as lógicas, que expressam tanto comprometimento do falante com relação à verdade do que diz quanto o julgamento do que é provável acontecer.

Dos valores expressos por essa modalização, varia nos ditos a certeza ("nós **vamos ganhar** essas eleições domingo"; "estou convencido de que minha decisão foi **certa**"; "**certamente** poderá, se quiser, fazer um trabalho excepcional no senado") e a possibilidade ("Estou ganhando porque o povo descobriu que um igual **pode** fazer por ele o que um diferente não conseguiu fazer"), manifestadas por recursos como modo verbal (indicativo), adjetivos, advérbios e auxiliares modais, conforme destacamos.

Além da lógica, há a presença de modalizadores que revelam a conduta do candidato-presidente, envolvendo o controle da situação, como a obrigação ("Não tenho ainda uma aferição para saber se eu **deveria ter ido** ou não") e a volição ("Eu **quero saber** quem arquitetou essa obra"). Nesses casos, os auxiliares modais *dever* e *querer* constituem recursos que manifestam a modalização deontica.

Outra modalização encontrada, mas apenas em uma das "falas" de Lula que foram recortadas pelo jornalista, é a apreciativa, a qual traduz julgamentos mais subjetivos, apresentando os fatos enunciados como estranhos, ruins ("Muita coisa vai melhorar. O que não vai melhorar é a política. Se acontecer o que está parecendo, vai piorar. O Paulo Maluf se eleger deputado, o Fernando Collor se eleger. O Clodovil se eleger").

Abordaremos agora o balanceamento do explícito e implícito, propósito maior deste trabalho. Isso porque o sentido de um texto não depende apenas de elementos que o estruturam (como os já tratados anteriormente), mas sim do fato de o agente-produtor pressupor diversos conhecimentos por parte do leitor e orientar-se pelo princípio da economia, levando o leitor a recuperar as informações implícitas através de inferências e marcas presentes no próprio texto.

No que tange aos implícitos do contexto, uma questão a se considerar é que o contexto sociosubjetivo, no qual os ditos opinativos em análise inserem-se, não pode ser traduzido em uma ou duas palavras, porque corresponde a um tipo de discurso específico em que o verdadeiro autor não é o autor.

O explícito pode ser de um suposto enunciador, mas o implícito é de inteira propriedade do enunciador jornalista que, a seu prazer, incute no leitor seu estatuto ideológico. Nesse contexto sociosubjetivo há, ainda, uma espécie de contrato com o leitor: recortes de frases que caracterizarão um gênero cujo suporte é a revista *Veja*.

Nos ditos opinativos, os destaques são pistas importantes para a captação de seu sentido. O título/tópico que antecede as falas do locutor apresenta-se centralizado, em caixa alta e negrito, e funciona como um chamariz para atrair a atenção do leitor para o assunto ao qual ele se refere. Visto que a intenção do jornalista é apontar opiniões contraditórias do candidato-presidente, antes e depois do primeiro turno, cada fala é disposta lado a lado abaixo do tópico para facilitar uma comparação entre elas.

As "falas" do locutor (2) aparecem demarcadas em negrito e entre aspas, destaques que servem para orientar o leitor quanto ao que é de responsabilidade do candidato-presidente, e os trechos em itálico sinalizam para o que é de responsabilidade do jornalista (locutor 1).

Além desses elementos, notamos que, às vezes, o jornalista acrescenta dados entre parênteses – que aparecem em itálico inseridos no interior das falas – a fim de recuperar para o leitor os elementos coesivos e manter a clareza do texto.

Nesse caso, a opacidade, a incompletude, é desfeita pelo jornalista, que preenche as lacunas recorrendo ao co-texto e ao

contexto. É o que se verifica em 5 dos ditos em análise (cf. o exemplo 4, citado anteriormente). A título de ilustração, citemos:

Exemplo 5: antes do primeiro turno

DEBATE

"Hoje estou convencido de que minha decisão (*de não ir ao debate*) foi certa. O povo assistiu e viu o nível do debate que meus adversários queriam fazer."

Dia 29 de setembro, em ato de campanha em São Bernardo do Campo

Ao expor os dados utilizando-se de todas essas marcas na superfície textual, notamos que o jornalista parte do princípio de que o leitor as conhece e que certamente as recupera na memória, garantindo assim a construção do sentido do texto.

O que verificamos é que não importa a "fala" recortada, pois Lula, como homem, é sempre candidato a alguma coisa, e seja lá o que disser, estará sempre em campanha (implícito). Nesse caso, mesmo que fale para jornalistas (explícito), o que procura é o jornalista-eleitor (implícito), capaz de transmitir suas mensagens para um público-eleitor que lê a revista *Veja* e é eleitor. O problema, pois, não está no contexto, mas no objetivo do dizer que: Lula fala para qualquer pessoa que tenha poder de voto.

Ainda quanto a elementos que marcam a superfície textual, não poderíamos deixar de comentar as imagens de Lula, colocadas estrategicamente no canto esquerdo e direito das páginas, que ajudam ainda mais a sustentar o objetivo do jornalista: ridicularizar o candidato-presidente:

ANTES

DEPOIS



No canto esquerdo, a fisionomia avermelhada, o olhar incisivo e o traje de diabo dão a Lula um aspecto de todo-poderoso, imbatível; seguro de que ganhará as eleições logo no primeiro turno, vocífera contra a oposição, elite e imprensa.

Já no canto direito, após ter perdido no primeiro turno, a fisionomia do candidato-presidente é outra; o tom pastel no rosto mais o olhar brando e o traje de anjo demonstram um Lula arrependido, humilde, que volta atrás nas suas opiniões, tentando "reviver a linha 'paz e amor'".

Todos esses dados vêm demonstrar como o domínio jornalístico utiliza-se da retórica da imagem para sustentar a argumentação, persuadir e seduzir o leitor de uma verdade construída.

Outro implícito que merece destaque nos ditos opinativos em análise são as insinuações de Lula, observadas especialmente nas "falas" recortadas antes do primeiro turno, em que se nota que, para Lula, os candidatos citados não devem ser reeleitos pelo povo.

Exemplo 6: antes do primeiro turno

COLLOR

"Muita coisa vai melhorar. O que não vai melhorar é a política. Se acontecer o que está parecendo, vai piorar. O

Paulo Maluf se eleger deputado, o Fernando Collor se eleger. O Clodovil se eleger..."

Dia 18 de setembro, em entrevista durante viagem de campanha.

A mudança de posição de Lula, revelada pelos recortes feitos pelo jornalista, é perfeitamente compreensível quando se leva em conta o contexto em que elas foram produzidas e a mudança dos "ventos eleitorais".

Seguro de que ganharia as eleições já no primeiro turno, a posição dele é uma, no entanto, ao se dar conta de que não houve voto suficiente para que ele ganhasse logo de início (explícito) e que o candidato da oposição (Geraldo Alckmin) não era tão insignificante assim (implícito), Lula muda de posição, a fim de conquistar votos e garantir a vitória no segundo turno.

No entanto, não podemos deixar de explicitar que o jornalista recorta, a seu modo, exatamente o trecho da fala de Lula que leva o leitor a acreditar nas contradições do candidato-presidente, não só para ironizar, ridicularizar Lula, mas também para colocar em dúvida sua (falta de) personalidade e, se possível, sua reeleição.

Desse modo, em sua recontextualização, o jornalista descontextualiza a fala de Lula (uma vez que a retira do todo e da situação em que ela foi produzida) para criar uma nova situação, um novo contexto, e atribuir a ele o sentido que deseja (mostrar a incoerência de Lula).

É relevante considerar também que a intertextualidade consiste em um recurso sujeito à imposição do lugar que se ocupa, por isso nada (nenhum texto ou citação) é retomado por acaso. Em se tratando dos ditos, a retomada de partes das entrevistas de Lula deve-se ao lugar ocupado pelo jornalista (e, automaticamente, da revista) e à sua intenção de construir uma verdade: que Lula é contraditório e ridículo.

Podemos, assim, finalizar dizendo que é a medida exata do implícito e explícito que permite ao leitor compreender os ditos como gênero, entender as posições divergentes de Lula antes e depois do segundo turno e, principalmente, os objetivos do jornalista.

Considerações finais

Após a caracterização e análise de alguns ditos opinativos, especialmente segundo os pressupostos de Bronckart e Koch, podemos

asseverar que o gênero em estudo faz ressaltar um recorte de avaliações sociais mediado por um formador de opinião que, à sua maneira, mostra, pelo dizer do outro, as diferentes facetas da responsabilidade do leitor na intervenção social, na intervenção verbal, na própria ação da linguagem, já que todo discurso nasce em um discurso anterior e aponta para outros discursos.

Convém salientar ainda que essas constatações foram possíveis porque levamos em conta, no estudo desse gênero, não só o conteúdo temático e a organização interna dos elementos, mas principalmente o contexto de produção e o balanceamento dos implícitos e explícitos, critérios que, segundo nossa reflexão, ajudam a compreender melhor as práticas sociocomunicativas.

Desse modo, verificamos que o estatuto que caracteriza o gênero "dito opinativo" é fundamentalmente dinâmico e histórico. Ao mesmo tempo que é profundamente efêmero, pois o contexto efetivo se dá na memória de curto prazo, as falas, irônicas ou engraçadas, podem perder o efeito de ironia ou de humor tão logo se distanciem na memória do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRASIL. MEC. MEC/SEMTEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2006 (Coleção idéias sobre linguagem).
- CARMELINO, A. C. "Reflexões acerca do gênero: diálogo entre metodologias de análise". In: Nascimento, E. M. F. S. et alli. (Orgs.). *Práticas enunciativas em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2006 (Coleção Mestrado).
- GOFFMAN, E. Footing. In: B. T. Ribeiro; P. M. Garcez (orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 7^a. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais e ensino: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. et alli. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

NYSTRAND, M.; WIEMELT, J. When is a text explicit? Formalist and dialogical conceptions. *Text*, 11: 25-41, 1991.

PEDROSA, C. E. F. "Frases": caracterização do gênero e aplicação pedagógica". In: A. P. Dionísio et alli. *Gêneros textuais & ensino*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 151-165.

_____; PEDROSA, K. F. Inter-gêneros no domínio jornalístico. *Cadernos de resumos do CNLF*, série VIII, n. 7, 2004.

VEJA SP. QUAL O VERDADEIRO LULA? Ano 39, edição 1977, 11 mar.2006. Seção Brasil, p. 60-61.

Recebido em agosto de 2007
Aprovado em fevereiro 2008